

A interação entre Filosofia e Literatura no Século XVIII: o caso de Jean-Jacques Rousseau

Leonice da Conceição Pinheiro Silva¹
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
leonice158@gmail.com

Luis Carlos Serra Amorim Filho²
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
serra.luis@discente.ufma.br

Flávio Luiz de Castro Freitas³
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
flavio.luiz@ufma.br

Zilmara de Jesus Viana de Carvalho⁴
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
zilmara.jvc@ufma.br

Resumo: Este artigo investiga a interação entre Filosofia e Literatura durante o século XVIII, destacando o papel de Jean-Jacques Rousseau nesse contexto. No período iluminista, a relação entre pensamento filosófico e expressão literária apresentou nuances complexas, refletindo debates e transformações sociais e culturais significativas. Inicialmente, discute-se a ambiguidade da relação entre Filosofia e Literatura no Iluminismo, destacando a ausência de fronteiras precisas entre esses campos. Enquanto alguns filósofos se aventuravam em diferentes gêneros literários, como o romance, outros viam na literatura um potencial ameaça à moralidade e à razão. Jean-Jacques Rousseau emerge como figura central nesse cenário, destacando-se por suas críticas contundentes à sociedade de sua época e à estrutura social propagada pelo Iluminismo. Embora tenha feito duras críticas ao romance, Rousseau paradoxalmente acabou por escrever um, desafiando suas próprias convicções e contribuindo para a revolução literária do período. Rousseau, por meio de suas obras e reflexões sobre a natureza humana, a sociedade e a educação, influenciou indiretamente o surgimento e a consolidação do romance como um gênero literário legítimo e expressivo. Seus escritos autobiográficos e sua obra epistolar, como *Júlia* ou *A Nova Heloísa*, revelam sua ênfase na sensibilidade e na natureza como fundamentos essenciais para uma vida moral e equilibrada. Por meio de uma revisão de literatura, este artigo traça um breve percurso

¹ Mestra em Cultura e Sociedade pela UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9878826518637851>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0065-7929>

² Mestrando em Cultura e Sociedade pela UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3856348912080973>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1850-1298>

³ Doutor em Filosofia e Professor da UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2128304906555701>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7648-0341>

⁴ Doutora em Filosofia e professora da UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2083775393424616>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1991-0250>

desde as críticas de Rousseau aos seus contemporâneos até a escrita de seu romance epistolar, destacando sua contribuição para a interação entre Filosofia e Literatura no século XVIII e seu impacto duradouro no pensamento e na cultura ocidental.

Palavras-chaves: Rousseau. Filosofia. Interdisciplinaridade. Literatura. Romance.

The interaction between Philosophy and Literature in the eighteenth Century: the case of Jean-Jacques Rousseau

Abstract: This article investigates the interaction between Philosophy and Literature during the 18th century, highlighting the role of Jean-Jacques Rousseau in this context. In the Enlightenment period, the relationship between philosophical thought and literary expression presented complex nuances, reflecting significant social and cultural debates and transformations. Initially, the ambiguity of the relationship between Philosophy and Literature in the Enlightenment is discussed, highlighting the absence of precise boundaries between these fields. While some philosophers ventured into different literary genres, such as the novel, others saw literature as a potential threat to morality and reason. Jean-Jacques Rousseau emerges as a central figure in this scenario, standing out for his blunt criticisms of the society of his time and the social structure propagated by the Enlightenment. Although he harshly criticized the novel, Rousseau paradoxically ended up writing one, challenging his own convictions and contributing to the literary revolution of the period. Rousseau, through his works and reflections on human nature, society and education, indirectly influenced the emergence and consolidation of the novel as a legitimate and expressive literary genre. His autobiographical writings and his epistolary works, such as *Júlia* or *A Nova Heloísa*, reveal his emphasis on sensitivity and nature as essential foundations for a moral and balanced life. Through a literature review, this article traces a brief path from Rousseau's criticisms of his contemporaries to the writing of his epistolary novel, highlighting his contribution to the interaction between Philosophy and Literature in the 18th century and his lasting impact on thought and in Western culture.

Keywords: Rousseau. Philosophy. Interdisciplinarity. Literature. Romance.

Introdução

É amplamente reconhecido que o romance, enquanto gênero literário, era recebido com considerável desconfiança pelos intelectuais dos séculos XVII e XVIII. As narrativas românticas eram frequentemente acusadas de inverossimilhança e desvalorizadas devido às suas fábulas, mitologias e devaneios. No contexto intelectual da época, o romance era visto como marginal, um intruso entre os gêneros clássicos, e a liberdade criativa conferida ao romancista era amplamente considerada inaceitável. Nesse sentido, a narrativa do romance surgia como uma afronta aos cânones filosóficos, que privilegiavam a razão como princípio orientador.

Neste trabalho, examinaremos a interação entre Filosofia e Literatura no século XVIII, destacando como essas duas áreas se relacionavam, influenciavam e dialogavam entre si. Partiremos de uma análise de um breve contexto histórico e intelectual do Iluminismo, passando pela relação entre Filosofia e Literatura, até chegarmos ao papel de Jean-Jacques Rousseau como figura emblemática dessa interação, com foco especial na relação paradoxal de seus escritos.

Sabe-se das críticas ferrenhas de Rousseau acerca de seus contemporâneos e de toda a estrutura dos laços sociais propagados pelo Iluminismo. Desde seus primeiros escritos, Rousseau

direciona seus leitores à problemática em torno do progresso. Sem dúvidas, Rousseau foi um homem paradoxal, aquele que fez duras críticas ao romance e, paradoxalmente, acabou por escrever um. Para desenvolver tais questões, utilizamos como processo metodológico a revisão de literatura. O intuito não foi adentrar em sua obra, *Júlia ou a Nova Heloisa*, mas traçar um breve percurso até a escrita de seu romance epistolar.

A interação entre Filosofia e Literatura no Século XVIII

Na contemporaneidade, a investigação e o debate sobre a interação entre Filosofia e Literatura tornaram-se cada vez mais relevantes, especialmente no contexto da crescente interdisciplinaridade que caracteriza nossa época. Essa interação é crucial, pois está intrinsecamente ligada à relação entre pensamento e linguagem, bem como entre razão e sensibilidade.

É notório que o século XVIII, conhecido como o Iluminismo ou Século das Luzes, apresentou um contexto de interação entre Filosofia e Literatura bastante distinto do atual. Franklin de Matos (2001) observa que os *philosophes* não se assemelhavam aos professores universitários de hoje, e a *philosophie* diferia completamente de uma disciplina técnica. No que se refere à ficção romanesca, esta possuía “um estatuto essencialmente ambíguo, mesmo porque não tinha sequer seu lugar claramente definido no domínio das Belas-Letras, ainda delimitado grosso modo segundo o cânone aristotélico” (Prado Júnior, 2001, p. 10).

Façanha (2010, p. 46-47) assegura que “não há uma relação conflituosa entre a literatura (poesia) e a filosofia (pensamento) em poder ou não dizer, ou em explicar as mesmas coisas, para os homens do período da Ilustração, pois há uma apropriação recíproca de gêneros distintos”. Portanto, o que existe é uma relação intrincada. Matos (2001) afirma que não havia fronteiras precisas entre filosofia e literatura, o que resultava na prática de múltiplos gêneros pelos filósofos. Desse modo, havia um “diálogo possível do pensamento com a poesia, ou seja, da filosofia com a literatura, claro, sem desmerecimento de uma em favorecimento da outra” (Façanha, 2010, p. 52).

Essa ideia de conflito e tensão remonta à Antiguidade, exemplificada pela expulsão dos poetas da pólis idealizada por Platão, um episódio de grande impacto. No livro X de *A República*, a polêmica é retomada, desta vez com a justificativa de que as representações poéticas possuíam um caráter fantasioso e ilusório. Platão argumentava que o filósofo, em contraste, era capaz de apreender a verdade por meio de um ato de intuição noética das ideias.

Desde a ruptura entre Filosofia e mito, a Filosofia estendeu essa distinção à Poesia, estabelecendo assim sua posição hierárquica, particularmente no âmbito da Metafísica. Todavia, segundo Nunes (1993, p. 193), “a expulsão platônica dos poetas é apenas a forma dramática de postular a supremacia da ciência da Verdade, também uma das denominações aristotélicas para a

prote epistème ou Metafísica”. Durante o século XVIII, observamos o surgimento gradual de uma nova disciplina filosófica: a Estética. No século XIX, essa disciplina emergente assumiria um papel central, compartilhando com a Lógica o núcleo da Filosofia.

Embora houvesse divergências entre os pensadores iluministas, existiam elementos comuns que os aproximavam. Entre esses elementos, destacava-se a oposição à censura e à intolerância, em uma Europa ainda profundamente influenciada pela autoridade religiosa. Até o século XVIII, a *Poética* servia como a principal referência para a expressão do conhecimento. Silva (2017) observa que:

A preocupação de Aristóteles era que as artes miméticas representassem a natureza humana, mas não qualquer natureza, e sim a bela natureza, de seres melhores, preservando ainda a verossimilhança. Tanto a epopeia e a tragédia, quanto a comédia e o ditirambo são artes imitativas, miméticas. O belo natural pode ser apreendido a partir de regras que o determinam enquanto tal. De que maneira isso pode ocorrer? No momento em que o objeto do artista corresponda ao modo de organização da natureza, isto é, por preceitos racionais. É a Razão o grande sustentáculo da episteme clássica, que identificamos desde a Grécia antiga até o século XVIII, porém, com variadas nuances (Silva, 2017, p. 14).

Segundo Cassirer (1992), buscava-se uma correspondência entre o conteúdo da arte e o da filosofia, identificando um parentesco que inicialmente parecia obscuro demais para ser articulado em conceitos precisos. Ele sugere que era necessário transcender os limites anteriores, propondo que o *Gosto*, e tudo a ele relacionado, deveria trazer à tona o conhecimento. Nesse sentido, a sensação, o gosto e o que posteriormente seria conhecido como Estética não deveriam ser negligenciados. Cassirer enfatiza que, mesmo que essas ideias se apresentem como esboços imprecisos, é justamente nessa incompletude que se revela mais claramente a elaboração de uma consciência filosófica da arte e a lei que a rege em sua gênese.

A Era da Ilustração foi caracterizada pela notável capacidade de harmonizar a obra crítica e a obra criativa, atribuindo a cada uma as virtudes da outra, como ressaltado por Cassirer (1992). No entanto, qual era a visão dos *Homens de Letras* durante o século XVIII? Os filósofos da época buscavam não apenas expressar seus pensamentos, mas também tornar-se úteis à sociedade, enfatizando sua missão de contribuir para o bem comum. É fundamental reconhecer a historicidade tanto da Filosofia quanto da Literatura, assim como da condição humana, e compreender os jogos de linguagem que permeiam esse processo.

A interação entre o discurso literário e o conteúdo filosófico durante o século XVIII refletia um equilíbrio delicado, onde ambas as formas de expressão coexistiam com respeito mútuo e autonomia. Isso significava que nem a literatura dominava a filosofia, nem vice-versa. Os filósofos da época não se limitavam apenas à elaboração de tratados filosóficos; eles também se aventuravam em diferentes gêneros literários, incluindo os romances.

No entanto, apesar dessa abertura, o romance era frequentemente visto com reservas pelos filósofos, principalmente devido à sua associação predominante com o tema do amor. Essa característica singular do romance era motivo de repúdio, pois muitos filósofos viam a literatura amorosa como uma distração dos assuntos mais sérios e racionais abordados pela filosofia.

Outro fator relevante que contribuiu para o descrédito do romance entre os intelectuais da época foi a preocupação com a ordem estética e moral vigente. A leitura de romances era vista como uma potencial influência corruptora sobre o gosto e os costumes da sociedade iluminista. Do ponto de vista estético, o romance não era considerado um gênero nobre, ao contrário do teatro, que tinha uma posição mais elevada nas Belas-Letras. Matos (2004, p. 18) observa que o romance possuía um “caráter ‘plebeu’ do gênero”, sendo menosprezado em comparação com os escritos da Antiguidade ou os cânones literários estabelecidos.

Essa visão negativa em relação ao romance permeou o pensamento dos intelectuais do Iluminismo, os quais viam na literatura amorosa uma ameaça à moralidade e à razão, considerando-a muitas vezes frívola e deseducativa. No entanto, apesar das críticas e desconfianças em relação ao gênero, houve um momento de transformação representado por pensadores como Jean-Jacques Rousseau, cujas ideias desempenharam um papel significativo na revolução literária do período. Essa perspectiva lança luz sobre a importância do pensamento de Rousseau no contexto da revolução literária do Iluminismo e na consolidação do romance como uma forma literária legítima e expressiva.

Embora Rousseau não tenha abordado diretamente “a origem da cultura do romance” (Façanha, 2010, p. 275), mas sim o conjunto de fatores que contribuíram para sua produção, percebe-se, nas entrelinhas de suas obras, um certo delineamento desse fenômeno cultural. O romance ainda era algo relativamente novo no século XVIII, e Rousseau, por meio de suas reflexões sobre a natureza humana, a sociedade e a educação, acabou por influenciar indiretamente o surgimento e a consolidação desse gênero literário. Como observa Façanha (2010), mesmo que não tenha se debruçado diretamente sobre a questão, Rousseau contribuiu de forma implícita para o desenvolvimento do romance ao explorar os elementos que favoreciam sua emergência na cultura da época.

Jean-Jacques Rousseau e a Revolução Literária: da crítica à aceitação do romance no Iluminismo

Ao longo de sua trajetória, Jean-Jacques Rousseau destacou-se como um crítico veemente de seus contemporâneos e da estrutura social promovida pelo Iluminismo, a qual ele percebia como conduzindo a uma sociedade corrompida e degenerada. Enquanto o Século das Luzes exaltava a razão como um meio de libertar o homem da superstição e da ignorância, visando o progresso e a evolução

das sociedades, Rousseau, embora compartilhasse alguns ideais com os iluministas, optou por trilhar um caminho divergente. Ele questionava a primazia absoluta da razão, enfatizando a importância da sensibilidade e da conexão com a natureza como fundamentos essenciais para uma vida genuinamente moral e equilibrada.

Em seu célebre *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750), que lhe rendeu o prêmio da Academia de Dijon, o filósofo genebrino apresentou uma argumentação contundente sobre como as letras, as ciências e as artes contribuía para a degeneração moral das sociedades. Rousseau criticou de forma incisiva, sustentando que as letras estavam sendo utilizadas para construir uma sociedade de aparências, encobrindo, com uma linguagem ornamentada, a corrupção inerente ao coração humano. Este posicionamento provocou um grande impacto e choque na comunidade intelectual da época, desafiando as convicções predominantes do Iluminismo (Rousseau, 1999).

Rousseau via o romance como o principal vício da literatura, uma vez que os autores tinham como objetivo primordial agradar às mulheres. Assim, o romance era, para ele, o gênero literário mais impregnado por essa disposição. No entanto, o próprio Rousseau reconhecia seu desconforto e se questionava sobre o embaraço que sentia ao se contradizer de maneira tão clara e aberta. Após ter estabelecido princípios severos com grande alarde e pregado máximas austeras com vigor, além de ter feito inúmeras críticas mordazes contra os livros “afeminados” que exaltavam o amor e a languidez, ele se via em uma posição inesperada e chocante: inscrever-se, com sua própria mão, entre os autores desses mesmos livros que tinha duramente censurado (Rousseau, 2018).

No final do Prefácio de *Narciso ou Amante de Si Mesmo*, Rousseau volta a esse ponto, afirmando que:

Esperando, escreverei livros, comporei versos e música, caso tenha para isso talento, tempo, força e vontade, e continuarei a dizer, com toda a franqueza, todo o mal que penso das letras e daqueles que as cultivavam, tendo certeza de não valer menos por isso. É verdade que um dia poderão dizer: ‘Esse inimigo tão declarado das ciências e das artes, todavia, fez e publicou peças de teatro’, e tal discurso consistirá, confesso, uma sátira muito amarga, não a mim, mas a meu século (Rousseau, 1999, p. 302).

Nesse sentido, o genebrino critica ainda, em nota de rodapé, aqueles que mudaram de posição no primeiro momento em que viram as ciências e as artes sendo atacadas. Ele argumenta que, em vez de ceder imediatamente, todos deveriam ter agido como ele, reconhecendo que, embora essas disciplinas tenham causado danos à sociedade, é essencial utilizá-las hoje como um remédio para os males que provocaram, transformando o veneno em seu próprio antídoto.

É nesse contexto que, em 1761, Jean-Jacques Rousseau surpreendeu a todos ao publicar o romance *Júlia ou A Nova Heloísa*. Paradoxalmente, Rousseau afirmava que seu romance tinha o propósito de servir como guia para a conduta moral. O filósofo genebrino trouxe para a literatura francesa do século XVIII uma ênfase na natureza e uma valorização do sentimento sobre a razão,

destacando a sensibilidade como a força motriz de suas obras. Dessa forma, ele plantou as sementes do romantismo que floresceriam no século XIX e exerceu uma influência literária profunda que ressoaria entre seus sucessores. Para Cassirer (1999, p. 41):

Igualmente ambíguo e incerto torna-se o julgamento quando tentamos confrontar o universo das ideias de Rousseau com a oposição tradicional entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’. É inequívoco que ele se afastou daquela glorificação da ‘razão’ vigente no círculo dos enciclopedistas franceses, e que, perante ela, ele se reporta às forças mais profundas do ‘sentimento’ e da ‘consciência moral’ (Genissen). Mas, por outro lado, foi justamente esse ‘irracionalista’ que, em meio às lutas mais intensas contra os ‘filósofos’, contra o espírito do Iluminismo francês, anunciou que as ideias mais sublimes da divindade, das quais o homem seria capaz, eram fundadas pura e exclusivamente na razão [...].

Rousseau sempre resistiu à ideia de que um pensamento só poderia alcançar um objetivo e uma verdade objetiva se fosse apresentado desde o início em uma estrutura sistemática e rígida. Ele rejeitou veementemente essa coerção sistemática, tanto no aspecto teórico quanto prático. Essa resistência não se limitava apenas ao seu modo de pensar, mas também ao seu modo de viver. Segundo ele, era impossível separar o conteúdo e o sentido de sua obra de sua razão pessoal de viver; ambos só podiam ser plenamente compreendidos em conjunto, em um “reflexo reiterado”, onde um esclarecia e iluminava o outro (Cassirer, 1999).

Desde a infância, Rousseau teve contato com as leituras românticas, conforme relata no Livro I de *As confissões*:

Sentir antes de pensar; é o destino da humanidade. Mas do que qualquer outro, eu o experimentei. Ignoro o que fiz até os cinco ou seis anos. Não sei como aprendi a ler; lembro-me somente das minhas primeiras leituras e do efeito que me produziram: é o tempo de onde começo a contar sem interrupção a consciência de mim mesmo. Minha mãe tinha deixado romances; pusemo-nos a lê-los depois da ceia, meu pai e eu (Rousseau, 2018, p. 16).

É por meio desse “método perigoso” que Rousseau apreende as paixões, “os recursos infinitos do sentimento” (Starobinski, 1991, p. 346), “nada tinha concebido, tudo havia sentido” (Rousseau, 2018, p. 16). Os textos autobiográficos de Rousseau nos auxiliam a identificar as diferentes nuances e motivações que influenciaram a construção de seu romance. Para Starobinski (1991, p. 350), a *Nova Heloísa* tem origem, “no ponto em que o devaneio esperançoso e o devaneio nostálgico se equilibram; tem origem no ponto em que os apelos da antecipação quimérica possuem ainda o poder de prolongar as imagens da memória”.

Ao compor *Júlia ou a Nova Heloísa*, Rousseau ordena o romanesco, conservando o seu impulso sentimental. A característica da ficção romanesca é a de figurar um universo da verdade, uma sociedade regida por virtudes e capaz de conhecer as grandes evidências do sentimento. Para Bento Prado Jr (1988, p. 57), “*La Nouvelle Héloïse* quer, ao mesmo tempo, propor ao leitor a imagem de

um outro mundo e ensiná-lo a instalar-se melhor no mundo real que o cerca”. Assim, a característica epistolar torna-se o elemento constitutivo do romance,

uma subjetividade apaixonada que sofre com as distâncias e com os obstáculos interpostos, e que trabalha em aboli-los; mas ela adquire ao mesmo tempo um valor polêmico implícito: representa uma profundidade moral, uma seriedade ética, cuja posse é impedida às pessoas do ‘grande mundo’; revela faculdades que se estiolaram na sociedade dos ricos (Prado Júnior, 1988, p. 355).

Nela temos o ato de uma consciência que não teme a exposição a si mesma. O seu projeto sedutor não é para mero prazer aos seus leitores, mas para curá-los daquilo que são, a cura do mal pelo mal, um remédio heroico e terapêutico desesperado; eis a pretensão inovadora, apresentar temas filosóficos entrelaçados à vida dos personagens. Junto ao romance, foram publicados dois prefácios. No *Prefácio da Nova Heloísa ou Conversa sobre os romances entre o editor e um homem de letras*, encontramos uma interessante combinação de monólogo e diálogo. Monólogo, porque tanto o editor quanto o homem de letras representam a mesma pessoa: Rousseau.

Contudo, seu objetivo é apresentar o homem de letras como ele realmente é em seu século, imbuído de preocupações com o progresso da civilização e com a erradicação da ignorância e da superstição. No entanto, Rousseau se destaca entre os homens de letras por utilizar esses temas de uma maneira diferenciada, enfatizando uma abordagem única e distinta.

Considerações finais

A interação entre Filosofia e Literatura no século XVIII foi marcada por um contexto de transformações sociais, intelectuais e culturais significativas, conhecido como o Iluminismo ou Século das Luzes. Neste período, observamos uma relação complexa e dinâmica entre pensamento filosófico e produção literária, onde ambas as disciplinas se influenciaram mutuamente, refletindo e contribuindo para as discussões e ideias da época. Os filósofos iluministas não se limitavam apenas à produção de tratados filosóficos, mas também exploravam diferentes gêneros literários, incluindo o romance.

O romance frequentemente era ridicularizado e considerado extravagante, levando muitos romancistas a não assinarem suas obras. Rousseau, no entanto, tomou a direção oposta. Qual seria a razão para isso? Uma das intenções de Rousseau ao assinar seu nome em seus romances era demonstrar aos leitores que o mesmo autor de obras sérias e influentes, como *O Contrato Social*, também estava por trás de um romance. Isso sugeria que havia, de fato, algum valor e verdade na obra romanesca, digna de consideração e respeito. *Júlia ou A Nova Heloísa* é um exemplo claro dessa interação, onde o romance é utilizado como veículo para explorar temas filosóficos e éticos. Rousseau

busca não apenas entreter, mas também educar e provocar reflexões sobre a natureza humana e a sociedade.

Referências

CASSIRER, Ernest. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. Tradução de Erlon José Paschoal e Jézio Gutierre. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia do Iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora UNICAMP, 1992.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Poética e Estética em Rousseau: corrupção do gosto, degeneração e mimesis das paixões**. 2010. 530 fls. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11842>. Acesso em: 6 jun. 2024.

MATOS, Franklin de. **A cadeia secreta**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MATOS, Franklin de. **O filósofo e o Comediante: ensaio sobre literatura e filosofia na Ilustração**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NUNES, Benedito. **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PRADO JÚNIOR, Bento. Filosofia e Belas Artes no século XVIII (Prefácio). In: MATOS, Franklin de. **O filósofo e o Comediante: ensaio sobre literatura e filosofia na Ilustração**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PRADO JÚNIOR, Bento. **Romance, moral e política no Século das Luzes: o caso de Rousseau**. Discurso, São Paulo, n.17, 1988.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. Tradução de Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, Col. “Os Pensadores”, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Prefácio da Nova Heloisa ou Conversa sobre os romances entre o editor e um homem de letras. In: _____. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. Campinas – SP: HUCITEC. 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Prefácio de Narciso ou o amante de si mesmo. In: **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, Col. “Os Pensadores”, 1999.

SILVA, Priscila de Oliveira. **O romance como antídoto em Jean-Jacques Rousseau**. Orientador: Luciano da Silva Façanha. 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2017. Disponível em: <https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/1403?locale=en>. Acesso em: 6 jun. 2024.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido em: 30/04/2024

Aprovado em: 30/05/2024